

A OBRA THEDA SKOCPOL E O MÉTODO-HISTÓRICO COMPARATIVO (MHC)

THEDA SKOCPOL'S WORK AND THE HISTORICAL COMPARATIVE METHODOLOGY

Gustavo Fornari Dall'Agnol¹

Resumo

O presente estudo visa a explorar e discutir o Método Histórico Comparativo (MHC) como um método adequado para as Ciências Sociais em geral e para as Relações Internacionais, em particular. Para tal, o estudo abordará o MHC de maneira a delinear suas principais características, adequadas para estudos qualitativos de caráter *small-n*. Ademais, se abordará o *process-tracing* como ferramenta complementar ao MHC, auxiliando o pesquisador a auferir causalidade ao fenômeno estudado. Para uma melhor compreensão do método, se analisará a obra de Theda Skocpol, como exemplo de MHC e de rastreamento de processos na pesquisa qualitativa e na formulação teórica generalizável. Um diagrama de Venn será proposto para a obra da autora, com o objetivo de melhor demonstrar a utilização do MHC e do *process-tracing*.

Palavras-chave: Método Histórico Comparativo; Process-tracing; Causalidade; Theda Skocpol.

Abstract

The present paper aims at understanding and exploring the Historical Comparative Methodology (HCM) as an appropriate method for the Social Sciences in general and for International Relations, in particular. In order to do so, the study will address the HCM and demonstrate its main characteristics, fit for qualitative studies in *small-n* researches. Process-tracing will be also discussed as complementary tool for the HCM, because it helps the researcher to infer better causality to the phenomena. For a better understanding of the method, Theda Skocpol's work will be discussed, as an example of the HCM and process-tracing in qualitative research and as a theoretical construction. A Venn diagram will be proposed for her research, with the objective of demonstrating the utilization of the HCM and process-tracing.

Keywords: Historical Comparative Methodology; Process-Tracing; Causality; Theda Skocpol.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo visa a apresentar o Método Histórico Comparativo (MHC) como uma alternativa para estudos qualitativos de caráter *small-n*. A literatura abordada aqui destaca que esse método é frutífero para auferir relações causais na investigação de fenômenos históricos. O MHC situa-se no meio termo entre uma análise ideográfica e uma análise nomotética. Por isso, é complementar com uma epistemologia de teorias de médio alcance. Ele é, no entanto, positivista, dada a sua proposta de generalizar os resultados alcançados. Se trabalhará o estudo das condições causais que o MHC pode auferir aos fenômenos estudados. As condições X podem ter determinados graus de suficiência e necessidade para explicar Y e podem ser mais ou menos generalizáveis. Posteriormente, se abordará a ferramenta process-tracing, que para o estudo de um

¹ Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). ORCID: 0000-0001-5566-0194. E-mail: gustfd@gmail.com.

ou mais casos, também busca auferir causalidade aos fenômenos. O desenvolvimento da literatura aponta cinco testes metodológicos para trabalhar-se com o process-tracing, que serão abordados.

Outro objetivo do presente estudo é o de se analisar a obra de Theda Skocpol (1979) sobre revoluções sociais, pelo fato da autora utilizar-se do MHC. Se revisará os principais passos, de maneira sucinta, do desenvolvimento da obra da autora. A partir de ferramentas lógicas desenvolvidas por John Stuart Mill, Skocpol emprega a comparação de casos positivos e negativos de revoluções sociais para desvendar as condições necessárias para a ocorrência do fenômeno histórico definido por ela como raro em sua essência, portanto, de *small-n*, mas com muitas possíveis variáveis causais. A obra de Skocpol, mesmo que não se utilizando dessa nomenclatura, realiza um rastreamento dos processos de cada caso e propõe uma teoria de revoluções sociais. Por propor a especulação e formulação teórica, Skocpol considera o MHC como importante ferramenta para o desenvolvimento teórico em si, já que o isolamento de variáveis pode expor as fraquezas e acertos de determinadas teorias.

2. O MHC E FERRAMENTAS COMPLEMENTARES

Antes de realizar a análise da obra de Skocpol (1979) e sua utilização do MHC, é necessário apontar algumas definições sobre métodos e técnicas, o MHC e sua evolução ao longo das últimas décadas *vis a vis* a crescente utilização de métodos quantitativos e o desenvolvimento de conceitos centrais relacionados à causalidade que conferem formalidade ao MHC. Além disso, irá se apresentar a ferramenta do *process-tracing* como de extrema utilidade, dada a sua complementaridade, para o desenvolvimento de estudos comparados, como está sendo revelado por pesquisas recentes. Para essa breve exposição, dedica-se essa primeira secção.

De acordo com Perissinotto e Codato (2015), existem normalmente dois significados atribuídos à palavra “método”. O primeiro refere-se à lógica do trabalho, a estratégia geral de pesquisa. Já o segundo, às técnicas propriamente empregadas para seleção, validação, processamento e análise dos dados. Apresenta-se primeiramente o MHC como *método*, no primeiro sentido- como estratégia geral da investigação científica em questão.

O método comparativo busca estabelecer relações empíricas causais entre duas ou mais variáveis enquanto outras variáveis são mantidas constantes. Dessa forma, utiliza-se da condição *ceteris paribus* (Lipgart, 1971). Usualmente, o método comparativo é utilizado para explicar um número limitado de casos (*small-n*), ou seja, é recomendado como intermediário entre o estudo de caso e estudos quantitativos de *large-n*. O MHC, a partir do diálogo teórico, pode situar-se no espectro de análises *theory-confirming*, *theory-infirming* e *theory building*, a depender do resultado das análises de caso. De acordo com Lipgart:

(...) estudos de caso que buscam confirmar teorias ou apontar suas fraquezas são implicitamente análises comparativas. Estes estudos focam em um caso particular derivado, a fim de análise, de um universo relativamente maior de casos e são analisados diante um contexto empírico e marco teórico desse conjunto de casos (Lipgart, 1971, p. 693, tradução nossa).²

Bennet e Elman (2008, p. 501-502), por exemplo, destacam que o método comparativo é adequado para o desenvolvimento teórico, análises de casos individuais e afirmações generalizadas acerca de mecanismos causais. As análises comparativas também não pretendem generalizações nomotéticas nem descrições ideográficas³, portanto são complementares a epistemologia de Teorias de Médio Alcance (Bennett, 2005, p. 31-32; Bennett; Elman; 2008, p. 506; Mahoney; Rueshemeyer, 2003 p. 6). De acordo com Skocpol (1979, p. 49-52), a comparação representa, portanto, um valioso alicerce para a especulação teórica.

As Teorias de Médio alcance não aspiram formular modelos gerais, mas sim, esclarecer fenômenos mais empíricos e específicos. No entanto, mesmo se aproximando, por vezes, de narrativas ideográficas, as Teorias de Médio alcance buscam oferecer causalidade entre fenômenos. Essas ligações causais podem ocorrer em determinados contextos com frequência- as teorias de médio alcance estão preocupadas com a sofisticação de modelos que desvendam mecanismos causais e a ligá-los com seus resultados (Jackson; Nexon, 2013, p. 544; Sil, Katzenstein, 2010, p. 208).

De acordo com Neto e Rodriguez (2016, p. 1004), a última década vem revelando um enorme progresso nos estudos de MHC. Há uma crescente formalização do método, desenvolvida e exemplificada em diversas obras (Goertz e Mahoney, 2012; Mahoney, Kimball e Koivu, 2009; Mahoney e Vanderpoel, 2015). A partir de precisão conceitual e isolamento de variáveis chave, o MHC, utilizando-se da lógica, enfatiza mecanismos e processos causais nas sequências históricas, comparando um número relativamente pequeno de casos. Para Neto e Rodriguez (2016, p. 1006), “Esse programa de pesquisa não implica abdicar de ambições explicativas. O MHC é, portanto, positivista, uma vez que busca explicações causais”. Conforme mencionado, no entanto, as generalizações são contingentes (George e Bennett, 2005, p. 31-32). Convém apontar também que o MHC não exclui a utilização de dados e métodos quantitativos. A utilização de tais ferramentas é muitas vezes complementar e desejável, como apontam George e Bennett (2005), Lieberman (2005), Ragin (2008), Rezende (2014) e Rohlfing (2008).

Para Neto e Rodriguez (2016, p. 1005), a utilização do MHC remete a textos clássicos como os de Karl Marx e Alexis de Toqueville. Os autores argumentam, entretanto, que:

² Texto original: “(...) *theory-confirming and theory-infirming case studies are implicitly comparative analyses. They focus on a particular case which is singled out for analysis from a relatively large number of cases and which is analyzed within the theoretical and empirical context of this set of cases*”.

³ As pesquisas de caráter nomotético buscam estabelecer leis gerais, teorias que buscam explicar a totalidade do fenômeno no universo. Já os estudos de caráter ideográfico, são mais descritivos, e visam a explicar singularidades.

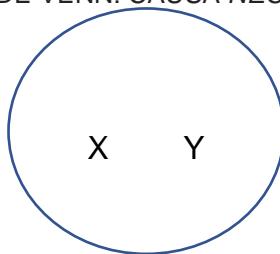
(...) o método se notabilizou por conta dos estudos sociológicos de Barrington Moore Jr., Theda Skocpol e Charles Tilly. Entre suas preocupações centrais, estão o delineamento de processos históricos específicos (revoluções, a democratização e a formação dos estados), a conceituação dos principais atributos destes e a identificação das condições explicativas dos resultados em tela. Encontrar as causas de um relevante resultado ou fenômeno político a partir da observação de processos históricos é o fim que tem como meio a aplicação do MHC. E aqui se encontra uma das mais importantes diferenças entre a MHC e o método quantitativo baseado na análise de regressões multivariadas (doravante, MRM): enquanto o primeiro se preocupa com as causas de consequências, o segundo procura entender sobretudo as consequências de causas (Neto, Rodriguez, 2016, p. 1005).

De acordo com a obra de Mahoney, Kimball e Koivu (2009), a utilização de variáveis independentes, intervenientes e dependentes não são a melhor forma para a realização de estudos comparativos. Em vez de variáveis explicativas, os autores sugerem condições explicativas, que por sua vez, podem ser divididas em cinco: a) necessária, mas não suficiente; b) suficiente, mas não necessária; c) necessária e suficiente; d) Suin; e) Inus. Para Levy e Goertz (2007), o MHC, deve, primeiramente, identificar as causas principais (ou suficientes), as quais devem dialogar com as condições necessárias. Define-se as cinco condições ou causas explicativas a seguir.

Uma causa é considerada *necessária, mas não suficiente*, pensando-se da seguinte forma: se não há X, então não há Y. “Uma causa necessária implica a proposição segundo a qual um resultado não teria ocorrido na ausência dela, mas também que sua presença não bastaria para garantir o resultado” (Mahoney, Kimball e Koivu, 2009, p. 118, tradução nossa)⁴. Conforme explicam Neto e Rodriguez (2016, p. 1008) “a definição de condição *suficiente* é o inverso da de condição necessária, pois sua presença garante a concretização ou a consumação do resultado que se deseja explicar”. A condição suficiente pode ser entendida da seguinte forma: se há X, então há Y.

As causas *necessárias e suficientes* podem ser entendidas pensando-se em conjuntos (Mahoney, Vanderpoel, 2015). Segundo estes, X é uma causa *necessária e suficiente* de Y, se o conjunto de X for o mesmo de Y. Diagramas de Venn são bastante utilizados para clarear condições explicativas, conforme demonstrado a seguir (Figura 1):

FIGURA 1- DIAGRAMA DE VENN: CAUSA NECESSÁRIA E SUFICIENTE



FONTE: (Mahoney; Kimball; Koivu, 2009).

⁴ Texto original: “A necessary cause entails the claim that an outcome would not have occurred if the cause had been absent, though the cause’s presence does not guarantee the outcome”.

Nota-se que X e Y pertencem ao mesmo conjunto, então a causa é necessária e suficiente para explicar o fenômeno Y. Para Neto e Rodriguez (2016, p. 2008), no entanto: “Convém destacar que as condições necessárias, suficientes, e necessárias e suficientes têm um efeito mais forte sobre o resultado que se quer explicar, sendo, portanto, mais raras nas ciências sociais”. Os autores argumentam que as condições explicativas mais comuns nessa área são as de *Inus* e *Suin*.

Inus é uma “parte insuficiente, mas necessária, de uma condição que é ela mesma não necessária, mas suficiente para o resultado” (Mahoney, Kimball e Koivu, 2009). A condição *Inus* não é *necessária* nem *suficiente*. No entanto, como se verá, diversas condições *Inus* podem resultar em um conjunto suficiente para explicar Y. Se X1 e X2 e X3, separadamente forem condições *Inus*, por exemplo, X1+X2+X3 podem se revelar condição *suficiente* para gerar Y.

Por fim, o *Suin*, trata-se da abreviação de uma causa que é parte suficiente, mas não necessária, de um fator que é insuficiente, mas necessário, para um resultado (Mahoney, 2008, p. 7-8).

Delineados alguns conceitos fundamentais do MHC, muito embora formalmente não presente em estudos clássicos comparativos como o de Theda Skocpol, o *process-tracing*, abordado a seguir, é complementar ao MHC e tem sido cada vez mais utilizado em confluência com o mesmo. Mesmo em estudos anteriores ao desenvolvimento teórico do método formal de *process-tracing*, alguma forma de rastreamento de processos para inferir causalidade já se mostrava presente. Por esses motivos, o *process-tracing* será abordado a seguir.

2.1 O PROCESS-TRACING COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR AO MHC

O *process-tracing* advém de uma “resposta” de estudiosos defensores de métodos qualitativos à crescente utilização de métodos de regressão estatística para definir parâmetros de análise. Segundo Mahoney e Rushmeyer (2003), os estudos de *small-n* contribuem para uma avançada reflexão teórica. O *process-tracing*⁵ pode gerar ideias e insights sobre os mecanismos causais e traços auxiliares para uma teoria específica (Mahoney, 2010).

Collier (2011, p. 824) define o *process-tracing* como uma ferramenta analítica para fazer inferências descritivas e causais a partir da reconstrução sequencial dos eventos que constituem o objeto de estudo. O *process-tracing* busca ligar uma proposição hipotética X ao resultado Y a partir da identificação da ausência ou presença de relações causais entre as partes que interagem (Silva, Cunha, 2010). De acordo com Waldner, trata-se do estudo de:

(....) Agentes ou entidades que têm a capacidade de alterar seu ambiente porque possui uma propriedade invariante, que, num contexto específico, transmite força

⁵ Ver: Silva, Cunha, 2010.

física ou informação que influencia o comportamento de outros agentes ou entidades (Waldner 2012, Apud: Silva, Cunha, 2010).

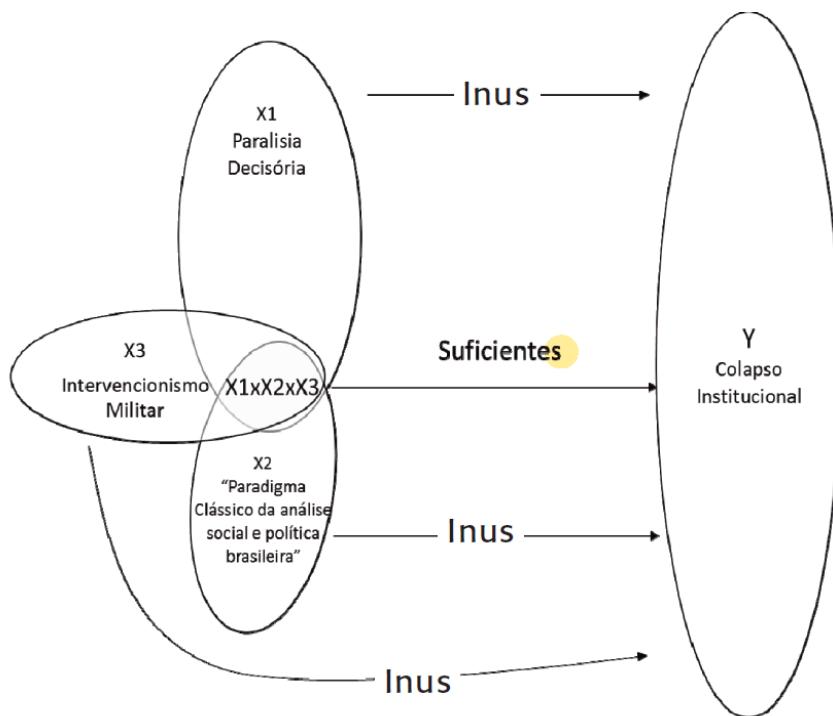
Collier (2011) e Mahoney (2012) identificam quatro testes para a realização de verificação de hipóteses em estudos que utilizam o *process-tracing*. São eles: i) *straw in the wind test*; ii) o *hoop test*; iii) o *smoking gun test*; e o iv) o *double-decisive test*. Como esses testes já foram amplamente abordados pela literatura, convém para os propósitos desse trabalho uma reprodução dessas definições realizadas por Neto e Rodriguez:

Teste sugestivo (nossa tradução de straw-in-the-wind test): não oferece nem as condições necessárias nem as suficientes para a validação da hipótese principal advogada por um analista. Um tal teste serve para enfraquecer um pouco as hipóteses rivais e fortalecer um pouco a hipótese principal. Trata-se do teste mais fraco, resumindo-se a uma avaliação inicial da hipótese principal por meio de exemplos meramente sugestivos ou ilustrativos. Teste básico (nossa tradução de hoop test): permite que se identifique a condição necessária, mas não suficiente, da validade de uma hipótese principal. Sua característica-chave é eliminar a hipótese defendida por um autor caso não passe no teste. Quando a hipótese principal passa no teste básico, as hipóteses rivais se enfraquecem em alguma medida. Quando a hipótese sustentada por um analista não passa no teste básico, as hipóteses rivais se fortalecem em alguma medida. Teste forte (nossa tradução de smoking gun test): estabelece as condições suficientes, mas não necessárias, para a validade de uma determinada hipótese. Passar em tal teste confirma hipótese. Todavia, a reprovação não implica eliminação. Quando a hipótese principal passa no teste forte, as hipóteses rivais se enfraquecem em boa medida. Quando a hipótese principal não passa no teste forte, as hipóteses rivais se fortalecem em alguma medida. Daí a expressão smoking gun extraída dos romances policiais: a pessoa encontrada com um revólver fumegante pode ser a culpada pelo assassinato, mas os suspeitos que não carregavam uma arma não podem ser considerados inocentes. Nas palavras de Mahoney (2012:576), os testes fortes tipicamente investigam a existência de rastros para os quais uma causa ou um resultado é uma condição suficiente. Se o analista pode mostrar claramente que um ou mais rastros estão presentes, pode-se inferir seguramente que uma causa ou resultado ocorreu. Os testes fortes são, por sua vez, mais possantes do que os testes básicos. Teste duplamente decisivo (nossa tradução ao pé da letra de doubly-decisive test): esse teste estabelece as condições necessárias e suficientes da validade de uma hipótese, uma vez que a corrobora e, simultaneamente, elimina as rivais. Trata-se do teste mais poderoso entre os quatro associados ao mapeamento de processos (Neto, Rodriguez, 2016, p. 1012).

Neto e Rodriguez (2016) realizam um estudo da obra de Santos (1986) sobre a política brasileira, com base nos conceitos do MHC e do *process-tracing* acima trabalhados. Os resultados encontrados remetem à supracitada discussão sobre as condições *Inus*. Conforme pode ser visto na Figura 2, três causas *Inus* (X1, X2 e X3), em conjunto (X1+X2+X3), tornam-se suficientes para explicar Y. Ou seja, a Paralisia Decisória, o Intervencionismo Militar e o Paradigma Clássico da análise social e política brasileira, vistas em separado são partes insuficientes, mas necessárias, de uma condição que é ela mesma não necessária, mas suficiente para o resultado em conjunto, explicando assim, o Colapso Institucional. Para Neto e Rodriguez (2016, p. 1017), portanto:

Em suma, a aplicação do MHC à obra de Santos oferece um relevante ganho analítico, ao permitir a identificação mais precisa (1) do status causal dos fatores propostos por esse autor e pelo “paradigma clássico da análise social e política brasileira”, (2) do tipo de relacionamento que há entre tais fatores e (3) do tipo de testes empíricos utilizados pelo referido autor (2016, p. 1017).

FIGURA 2- DIAGRAMA DE VENN BASEADO NA OBRA DE SANTOS (1986)



FONTE: Neto, Rodriguez (2016, p. 1017).

Explicitado, de maneira breve, o MHC e a ferramenta do *process-tracing*, se analisará, na segunda secção a obra de Skocpol (1979) intitulada “*States and Social Revolutions: A Comparative Analysis of France, Russia, and China*”. É interessante perceber que tal obra precede muito o debate supracitado. No entanto, é justamente por isso que a análise de Skocpol tornou-se referência para estudos que utilizam o MHC.

3. A OBRA DE THEDA SKOCPOL E A APLICAÇÃO DO MHC

A presente seção analisará de maneira sucinta a obra de Theda Skocpol. Para fazer tal investigação, se apresentará primeiro a obra de maneira mais geral, contemplando seu escopo, objetivos e conclusões para, posteriormente, analisar o método empregado. Aponta-se, nesta seção, a descrição da metodologia empregada na obra Skocpol. Posteriormente, realiza-se um apanhado do método empregado através da discussão levantada no tópico 1, buscando-se, assim, identificar na obra de Skocpol as ferramentas metodológicas e lógicas aqui discutidas.

3.1 STATES AND SOCIAL REVOLUTIONS

O livro de Skocpol (1979) aborda comparativamente três revoluções: a Francesa, a Chinesa e a Russa. As revoluções sociais são momentos raros na história e transformam a organização do Estado, as estruturas de classe e as ideologias dominantes. Além disso, elas são de extrema relevância internacional já que muitas vezes possuem enorme impacto geopolítico. No entanto, a autora delimita de maneira distinta seu objeto para não abarcar todos os tipos de violência social ou tentativas revolucionárias. Revoluções sociais, para Skocpol (1979, p. 4), alteram a estrutura da sociedade, coincidem com a transformação política e social. Para a autora, essas revoluções se distinguem das políticas, que não possuem o elemento de classe e de transformação da estrutura social, apesar de transformarem a estrutura do Estado (Skocpol, 1979, p. 4). O foco da autora é em Revoluções Sociais bem-sucedidas e a comparação destas com revoluções não sociais. O recorte do objeto é de fundamental importância para o possível isolamento de variáveis, necessário para a análise comparativa. Skocpol não busca explicar todas as revoluções e sim esses casos específicos de reestruturação social que não são comuns historicamente. Trata-se, portanto, de um fenômeno *small-n*, adequado para a análise qualitativa.

O segundo passo importante dado por Skocpol, após o recorte do objeto, é a percepção de que as teorias existentes não explicam adequadamente as revoluções sociais, segundo a autora. Conforme visto, o método comparativo também é extremamente útil na construção e teste de teorias já existentes. Skocpol identifica quatro teorias dominantes na explicação de revoluções sociais e aponta, em sua formulação, suas lacunas. São elas: o marxismo, as *aggregate-psychological theories*, as *system value consensus theories* e as *political conflict theories*⁶. Não é propósito deste artigo prolongar-se na discussão que Skocpol faz com cada uma das teorias. Basta, por ora, apontar uma crítica geral feita a todas elas: sejam baseadas em fatores ideológicos, psicológicos, de vanguarda classista ou de jogos de interesse, todas essas teorias, conforme apontado pela autora, estão ancoradas na agência para explicar revoluções sociais. O voluntarismo necessário dos agentes para a ocorrência de revoluções, segundo Skocpol, é insuficiente para explicá-las em sua essência. Dessa forma, a autora propõe uma abordagem estruturalista para a análise das revoluções sociais (Skocpol, 1979, p. 10-18).

A abordagem estruturalista é o terceiro passo dado pela autora e torna-se o alicerce de sua tese. Segundo Skocpol, são dois fatores estruturais, interligados, que fazem se desenvolver revoluções sociais. A primeira é a uma crise com relação a posição do país no sistema internacional, na estrutura capitalista e na estrutura de poder entre Estados. De acordo com a autora:

⁶ Para Skocpol, são representativos dessas teorias, respectivamente: os escritos do próprio Karl Marx; *Why Men Rebel* de Ted Gurr nas teorias *aggregate-psychological*; *Revolutionary Change* de Chalmer Johnsons nas teorias *systems/value consensus*; e *From Mobilization to Revolution* de Charles Tilly das teorias de *political-conflict* (1979, p. 9).

Historicamente, relações internacionais desiguais ou competitivas afetaram fortemente e ajudaram a moldar Estados e estruturas de classe, dessa forma, influenciando o contexto doméstico do qual revoluções emerge (ou não) (...). Relações internacionais influenciam no curso dos eventos durante a conjuntura do processo revolucionário em si. Revoluções Sociais Modernas só acontecem em países que estão situados em posições desvantajosas no âmbito das arenas internacionais (Skocpol, 1979, p. 23, tradução nossa)⁷.

A segunda é a própria estrutura socioeconômica de enfraquecimento do Estado no nível nacional e da crescente disparidade de interesses entre o Estado e as classes dominantes. Para analisar tal cenário, segundo Skocpol, deve-se considerar o Estado, analiticamente, com autonomia potencial. O movimento revolucionário bem-sucedido é *state-building* em sua essência, e transforma radicalmente a estrutura estatal do regime antigo, inadequado para a realidade doméstica e internacional (Skocpol, 1979, p. 25-29). Segundo Skocpol (1979, p. 285, tradução nossa) “antes que revoluções sociais possam acontecer, os poderes administrativos e militares desses estados tiverem que colapsar”⁸. A partir dessa análise estruturalista e comparativa a autora identifica que:

Nas três revoluções, as crises produzidas externamente são mediadas e combinadas com fatores internos estruturais e tendem a produzir uma conjectura de 1) incapacidade das ferramentas centralizadas de *Old Regimes*; 2) rebeliões generalizadas das classes mais baixas, em especial, o campesinato e; 3) tentativas de mobilização das massas por lideranças políticas a fim de consolidar um poder estatal revolucionário. O resultado produto do processo revolucionário foi, em cada um dos casos, um Estado-Nação centralizado, burocrático, que incorporaria as massas, com um potencial ampliado para inserir-se na arena internacional como grande potência (Skocpol, 1979, p. 41, tradução nossa)⁹.

Embora não nomeado dessa forma, a autora teve que realizar um rastreamento de processos de todos os casos analisados para isolar as condições para revoluções sociais bem-sucedidas. O parágrafo acima resume de maneira sucinta as conclusões da autora. No próximo tópico se analisará com mais afínco a utilização do MHC feito pela autora e como este se entrelaça com as conclusões supracitadas acerca das revoluções.

⁷ Texto original: “Historically, unequal or competitive transnational relations have helped to shape any given country’s state and class structures, thus influencing the existing ‘domestic’ context from which revolution emerges (or not). Furthermore, transnational relations influence the course of events during actual revolutionary conjunctures. Modern social revolutions have happened only in countries situated in disadvantaged positions within international arenas”.

⁸ Texto original: “Before social revolutions could occur, the administrative and military power of these states had to break down”.

⁹ Texto original: “In all three Revolutions, the externally mediated crises combined with internal structural conditions and trends to produce a conjuncture of: 1) the incapacitation of the central state machineries of the Old Regimes; 2) widespread rebellions by the lower classes, most crucially peasants; and 3) attempts by mass-mobilizing political leaderships to consolidate revolutionary state power. The revolutionary outcome in each instance was a centralized, bureaucratic, and mass-incorporating nation-state with enhanced great-power potential in the international arena”.

3.2 UMA ANÁLISE COMPARATIVA

A autora refere-se ao método que ela nomeia de análise histórica comparativa como o intento de desenvolver, testar e refinar hipóteses explicativas causais sobre eventos e estruturas presentes em unidades maiores, como Estado-nações. Para Skocpol (1979, p. 36), o método histórico comparativo é apropriado para fenômenos macro-históricos já que há inherentemente poucos casos dos fenômenos estudados. Para a autora, o MHC é um modo multivariado de fazer análise que um autor deve recorrer quando há muitas variáveis e há poucos casos.

Em termos lógicos, o primeiro passo para Skocpol é o estabelecimento de assunções válidas para as potenciais causas do fenômeno que se tenta explicar. A autora então se baseia em John Stuart Mill para explicar dois modos possíveis de se proceder em uma análise histórico comparativa. A primeira forma, chamada por Mill de *Method of Agreement* trata-se de analisar se os diversos casos que tem o fenômeno estudado em comum também possuem um conjunto comum de variáveis causais, muito embora eles possam variar em outros fatores e modos que poderiam parecer relevantes casualmente (Skocpol, 1979, p. 36). Já o segundo método, nomeado por Mill como *Method of Difference* trata-se de contrastar os casos do fenômeno analisado com outros casos nos quais o fenômeno e as causas hipotéticas estão ausentes, no entanto, que são de outras formas parecidos com os fenômenos positivos. Com a adequada escolha dos casos negativos (onde as causas e o fenômeno não estão presentes), o *Method of Difference* torna-se extremamente útil e é utilizado por Skocpol.

Para Skocpol (1979, p. 37), o mais desejável é a combinação dessas duas lógicas. Para tal, a autora escolhe alguns casos positivos de revoluções sociais, a saber – China, França e Rússia – e os contrasta com casos negativos adequados. A autora argumenta que a China, a França e a Rússia apresentam casos de revoluções sociais bem-sucedidas e que tem padrões causais em seus processos muito comuns, mesmo com diversas diferenças específicas. A autora então os compara com três casos negativos, a saber – Inglaterra, Japão e Alemanha – que são similares o suficiente por terem passado por transformações sociais e políticas não revolucionárias em crises com características e tempos similares aos casos positivos, muito embora as condições causais e o fenômeno em si estivessem ausentes.

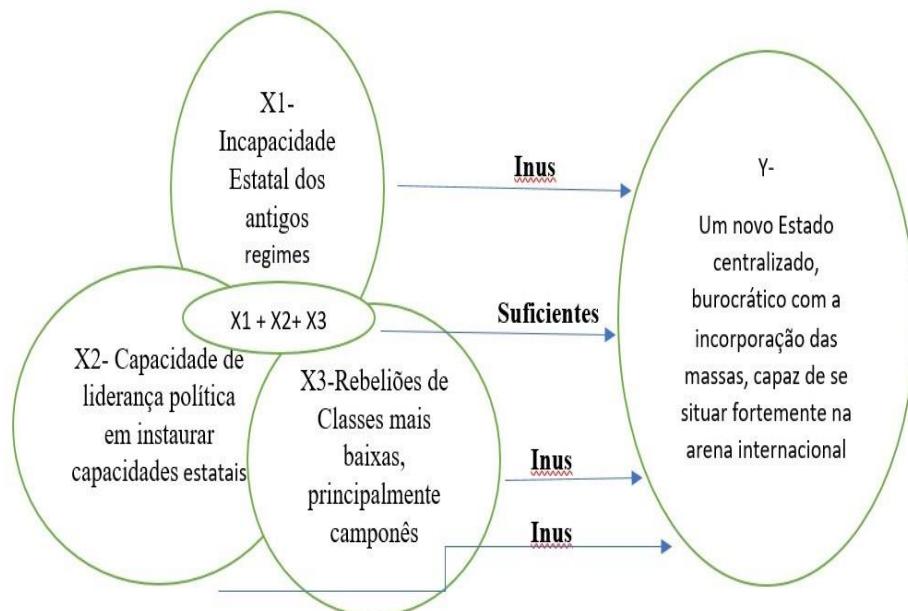
A autora então se dedica as limitações do método. Além da dificuldade da escolha de casos, Skocpol dá destaque ao fato de que o controle perfeito de todas as variáveis possivelmente relevantes nunca pode ser atingido. Sempre haverá contextos históricos, segundo Skocpol (1979, p. 39) que interagem com as causas explicitamente examinadas que o pesquisador terá que assumir irrelevantes, ou a própria análise não poderá identificar.

Com relação à lógica dedutiva ou indutiva, a autora salienta que o MHC não é substituto para teoria. Deve-se sempre partir para a análise histórica com conceitos teóricos e hipóteses estabelecidas, concomitantemente a leitura dos processos dos casos, já que o MHC não pode

sozinho definir o fenômeno a ser estudado (Skocpol, 1979, p. 39). No entanto, e considera-se esse fato de extrema importância, Skocpol afirma que o MHC é de exímia relevância para a especulação teórica já que, para ela, é um termômetro adequado para a mediação entre história e teoria. Ele pode suscitar extensões teóricas e reformulações de um lado, e novas formas de analisar fenômenos históricos, de outro (Skocpol, 1979, p. 39-40). E, de fato, é isso que a autora faz ao debater com as principais teorias que analisam revoluções anteriormente mencionadas e a estender sua análise para uma forma teórica original de se estudar revoluções sociais.

A comparação e o *process-tracing* evoluíram muito no debate epistemológico e ontológico desde a obra de Skocpol, conforme foi visto na secção 1 deste estudo. No entanto, a análise dos casos de maneira comparativa, na tentativa de auferir mecanismos causais ao fenômeno estudado, segue sendo utilizado de maneira razoavelmente próxima à da obra de Skocpol. Por isso, propõe-se, agora, a elaboração de um diagrama de Venn para a obra de Skocpol e seu estudo das revoluções sociais, já que a autora investiga as condições históricas de uma revolução social.

FIGURA 3- DIAGRAMA DE VENN BASEADO NA OBRA DE SKOCPOL (1979)



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

As variáveis X1, X2 e X3 são partes insuficientes, mas necessárias de uma condição que não é necessária, mas é suficiente para o resultado. Essa condição é Y que, para Skocpol, é a revolução social, significando o advento de um Estado forte e melhor posicionado no sistema internacional, com a incorporação das massas no processo político. Optou-se pela fórmula Inus pois a própria autora, em suas conclusões (Skocpol, 1979, p. 288), diz que esses resultados não são aplicáveis para muitas revoluções do século XX, por exemplo, pelo fato dessas últimas conterem um forte elemento anticolonial. Por isso, a suficiência, mas em seu conjunto, a não necessidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo teve como objetivo uma revisão literária do MHC e da ferramenta do *process-tracing*, ambos, em seu conjunto ou separados, excelentes formas de se investigar casos de *small-n*. O isolamento de variáveis/condições para explicar fenômenos históricos na tentativa de auferir mecanismos causais aos objetos mostra-se relevante para a compreensão de diversos métodos de estudo. Cabe mencionar, no entanto, que a adequada escolha de conceitos e formulações teóricas é imprescindível para a escolha do objeto e dos casos estudados. Mesmo que os resultados do rastreamento dos processos e da comparação reivindiquem novas formulações teóricas ou o refinamento de teorias já existentes.

Além disso, apresentou-se a obra de Skocpol e sua própria utilização do MHC, muito anteriormente às discussões apontadas na secção 1, como um exemplo bem-sucedido de empregar o método para o estudo das revoluções sociais. Skocpol, ao comparar três casos positivos com três casos negativos de revoluções sociais, identificou as condições necessárias para o advento do fenômeno estudado. Além disso, construiu em sua tese uma forma original para o estudo desse fenômeno, já que julgou o *estado da arte* como insuficiente, excessivamente baseado na agência, negligenciando dessa forma as estruturas históricas.

Cabe destacar que o estudo do MHC e do *process-tracing* deve ser aplicado e testado em futuras pesquisas, a fim de continuar testando o método e suas ferramentas e desenvolver frutíferos trabalhos em sua utilização.

* Artigo recebido em 09 de julho de 2019,
aprovado em 26 de outubro de 2019.

REFERENCIAS

- BENNETT, A.; ELMAN, C. *Case Study Methods*. In: Reus-Smit, C.; Snidal, D. **The Oxford Handbook of International Relations**. Oxford, Oxford University Press: 2008
- BENNET, Andrew. *Process tracing and causal inference*. In: Brady, Henry; collier, David (Ed.). **Rethinking social inquiry: diverse tools, shared standards**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield: , pp. 207-219, 2010.
- COLLIER, David. *Understanding process tracing*. **PS: Political Science & Politics**, v. 44, n. 4, p. 823-830, 2011a.

GEORGE, Alexander L.; BENNETT, Andrew. **Case studies and theory development in the social sciences**. Cambridge: MIT Press, 2005.

GOERTZ, Gary; MAHONEY, James. **A tale of two cultures: qualitative and quantitative research in the social sciences**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

JACKSON, Patrick T.; NEXON, Daniel H. International theory in a post-paradigmatic era: from substantive wagers to scientific ontologies. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 543 –565, 2013.

LEVY, Jack; GOERTZ, Gary (Ed.). **Explaining war and peace**: case studies and necessary condition counterfactuals. Londres: Routledge, 2007.

LIEBERMAN, Evan S. Nested analysis as a mixed-method strategy for comparative research. **American Political Science Review**, v. 99, n. 3, p. 435-452, 2005.

LIJPHART, Arend. Comparative Politics and the Comparative Method. **The American Political Science Review**, Vol. 65, No. 3 (Sep., 1971), pp. 682-693.

MAHONEY, James. After KKV: The New Methodology of Qualitative Research. **World Politics**. Vol. 62, 2010: pp. 120-147.

MAHONEY, James; KIMBALL, Erin; KOIVU, Kendra L. The logic of historical explanation in the social sciences. **Comparative Political Studies**, v. 42, n. 1, p. 114-146, 2009.

Mahoney, James; Rueschemeyer, Dietrich (Eds.) **Comparative historical analysis in the social sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MAHONEY, James; VANDERPOEL, Rachel S. Set diagrams and qualitative research. **Comparative Political Studies**, v. 48, n. 1, p. 65-100, 2015.

NETO, Amorim; RODRIGUEZ, Octavio. 2016. O novo método histórico-comparativo e seus aportes à ciência política e à administração pública. **Rev. Adm. Pública**. v. 50, n. 6, p. 1003-1027.

Perissinotto, Renato. Codato, Adriano. (orgs). **Como estudar elites**. Ed. UFPR: Curitiba, 2015.

RAGIN, Charles C. **Redesigning social inquiry**: Fuzzy sets and beyond. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

REZENDE, Flávio da Cunha. Fronteiras de integração entre métodos quantitativos e qualitativos na ciência política comparada. **Revista Teoria & Sociedade**, n. 22.2, p. 40-74, jul./dez. 2014.

ROHLFING, Ingo. What you see and what you get pitfalls and principles of nested analysis in comparative research. **Comparative Political Studies**, v. 41, n. 11, p. 1492-1514, 2008.

SIL, Rudra; KATZENSTEIN, Peter Joachim. **Beyond Paradigms**: Analytic Eclecticism in the Study of World Politics. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

SILVA, Fábio Mariano Espíndola; CUNHA, Eleonora, Schettini Martins. Process-tracing e a produção de inferência causal. **Teoria e Sociedade**, v. 22 n. 2:, pp. 104-125, 2017.

SKOCPOL, Theda. **States and Social Revolutions**: A Comparative Analysis of France, Russia, and China. Cambridge University Press: Cambridge, 1979.